

SUPER-HERÓIS: REPRESENTAÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS NA ARTE SEQUENCIAL

Carlos Eduardo de Oliveira Silva¹

RESUMO: Estudo dirigido às formas de representações constantes no tipo de comunicação de massa conhecida como Arte Sequencial, tendo como enfoque principal as representações histórico-sociais contidas na concepção e manutenção dos personagens dotados de superpoderes: os super-heróis. Demonstração das estruturas psíquicas e sociais contidas nas criações dos personagens e como estes se comportavam com as problemáticas históricas de períodos recortados, de modo a apresenta-los como ferramenta útil e agradável ao ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Representação – ensino – super-heróis – arte sequencial.

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos remotos da pré-história o homem já encontrara um meio de representação através da arte: desenhar. E o cotidiano era o tema principal das abstrações: caça, pesca e a vida social. E o mais importante, os “desenhos” primitivos surgiram provavelmente antes da escrita e da fala. A primeira abstração que o homem realizou foi um traço sobre areia ou sobre lama, feito com a ponta de um pau. Deste traço nasceu e só dele poderia ter nascido – aí falha a imaginação dos antropólogos acadêmicos – a primeira abstração humana, isto é, o primeiro lampejo de inteligência. (MOYA, 1977, p. 116).

E através desta representação o homem pôde transmitir sua visão de mundo e também influenciar a mentalidade de outros. Isso é importante. Pela fala o homem influencia e convence e através destas abstrações, os desenhos, ele transmite com exatidão o que imagina, pois afinal, se desenhássemos um carro, praticamente todos seriam capazes de identificar a representação do veículo, mas se ao contrário escrevêssemos a palavra carro, a quantidade de pessoas que nos compreenderiam seria muito reduzida. O desenho por si só já dá uma boa dimensão do que transmitir, mas, não age só.

¹ Especialização em Educação e Sociedade pela Universidade Cidade de São Paulo. São Paulo- SP, Brasil. E-mail do autor: kdu9804@gmail.com Orientador: SIDERLY DO CARMO DAHLE DE ALMEIDA

Juntando uma sequencia de desenhos com um bom enredo e argumentos, têm-se uma peça de entretenimento e um artifício que em diversas épocas foi usado para transmitir sentimentos, ensinar ou mesmo propagar um modelo ideológico completo: um instrumento de propaganda política.

Quando dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, previa-se uma grande queda nas vendas de HQs de super-heróis, pois muitos destes personagens vivem suas aventuras nos EUA, mais precisamente em Nova York. As editoras Marvel e DC² logo lançaram exemplares especiais que contavam a visão dos heróis e revertendo a renda destas para as vítimas do atentado terrorista, como no caso do Homem-Aranha em edição especial³, que narra o encontro deste personagem com a fatídica cena.

Nesta obra não existe coerência nem respeito pela cronologia do herói, pois não era este o objetivo. A intenção deste especial era demonstrar os sentimentos e os questionamentos que o povo americano passava naquele momento, através de um ícone dos super-heróis. O excesso de nacionalismo fica até um pouco abaixo do esperado em se tratando de EUA, o que é compreensível pelo difícil momento da nação. E isso ajuda a aceitar um pouco algumas incoerências, como as imagens em que os vilões Destino e Magneto derramam lágrimas pelas vítimas, estes dois que não hesitariam em destruir cidades inteiras em busca de objetivos, mas esta questão deve ser melhor explorada adiante, em principal o caso de Magneto.

A intenção deste estudo é despertar e demonstrar em pequenos exemplos como a arte sequencial, ou simplesmente HQs, de super-heróis sempre estiveram num contato direto com alguns dilemas relevantes da história, o que pode ser usado por professores para uma aproximação saudável do aluno com a leitura e compreensão dos fenômenos históricos, desenvolvendo capacidade crítica nos discentes.

Será que o Capitão América faria o sucesso que fez se tivesse sido criado na época da Guerra do Vietnã? Poderia ter tido algum sucesso, mas não o faria de maneira grandiosa como foi na Segunda Guerra Mundial.

² Marvel e DC são as grandes editoras de HQs de super-heróis no mundo. Capitão América, Homem – Aranha, Super Homem e Batman pertencem a estas duas editoras.

³ STRACZYNSKI, J. Michael; ROMITA JR., John; HANNAH, Scott. *Homem Aranha Especial* – São Paulo: Panini Comics, 2002

2 O SORO DO SUPER SOLDADO E O IDEAL AMERICANO

O Capitão América foi criado em março de 1941, curiosamente nove meses antes dos ataques japoneses à Pearl Harbor, que resultou na declaração de guerra americana ao Japão, em dezembro de 1941 e a entrada de fato dos EUA na Segunda Guerra Mundial. Mas isso não quer dizer que o Presidente estadunidense Roosevelt não quisesse de fato ter entrado antes na guerra. A maioria dos países esperava por uma guerra germano-soviética que enfraqueceria os dois lados, o que infelizmente para eles, não ocorreu.

Os problemas em formar uma aliança anti-fascista com a então URSS e os problemas econômicos de países europeus, como a Grã-Bretanha que havia gasto demais na Primeira Guerra Mundial com equipamentos bélicos, criavam um fosso muito grande entre reconhecer as potências do Eixo e fazer alguma coisa a respeito.⁴

A criação do Capitão América representa de forma clara o clima de expectativa que se criara na época, pois foi apresentado ao público num lance ousado, estrelando sua própria revista⁵, que já no seu número estampava na capa a imagem do “bandeiroso” herói esmurrando a face do líder nazista Adolf Hitler. Logo o Capitão América se tornaria o principal personagem da época, justamente por refletir e influir no clima da época, inclusive participando ativamente da guerra.

Assim, enquanto milhares de jovens se alistavam e lutavam no *front* de batalha, os quadrinhos ofereciam certa sustentação ideológica, representada em balõezinhos repletos de mensagens antinazistas. Nesse exato momento, os quadrinhos perdiam a ingenuidade e o caráter fictício e despretensioso que caracterizavam os anos anteriores, para se transformarem em veículos assumidamente panfletários.⁶

Os quadrinhos e desenhos foram usados pelos americanos na Segunda Guerra Mundial para manter a moral elevada das tropas e da população também como meio de debochar do inimigo.

⁴ HOBSBAW, Eric. *A era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁵ Nos EUA sua primeira aparição foi em *Captain America Comics* #1, publicação da então editora Timely que depois se tornaria a *Marvel Comics*.

⁶ BONIFÁCIO, S. F. Os super-heróis como instrumentos de propaganda política. In: *História e(m) Quadrinhos: análises sobre a História ensinada na arte sequencial*. 2005. 221f. Dissertação (Mestre em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha Saberes, Culturas e Práticas Escolares – Universidade Federal do Paraná, Paraná. 2005. p. 46

*Por que não fizeram **mais alguns** dele? Ia tornar o trabalho da gente **muito mais** fácil...* Essa é a exclamação de um soldado num conto do Capitão América em homenagem aos seus 65 anos⁷. Respondendo a indagação do soldado: não foram criados outros por que o Dr. Reinstein, responsável pela criação do soro, havia sido morto num ataque nazista quando do experimento que dava poderes ao jovem Steve Rogers que prontamente liquidou o espião, mas não foi capaz de salvar o cientista que morreu e junto com ele a fórmula do soro do super soldado.

A criação do Capitão América está cheia de representações e de mensagens político ideológicas como a figura do Dr. Reinstein, que é um cientista judeu que fugira da Alemanha nazista para os EUA e recebeu este nome em homenagem a ninguém menos do que Albert Einstein. O próprio Capitão América foi julgado inapto ao serviço militar por seu físico frágil e somente após a utilização do soro do super soldado, se transforma num modelo de raça humana perfeito, sonhado por Hitler: uma super raça humana. Este racismo de Hitler e estas propostas como a criação de uma nova raça tinham bases solidificadas em ramos científicos da genética como a “eugenia” que propunham um “melhoramento” da espécie humana pela eliminação dos incapazes.

Como já citado na introdução deste estudo, ao vilão mutante chamado de Magneto seria impossível derramar lágrimas pelos atentados de 11 de setembro, o mais provável seria que se aproveitasse do enfraquecimento nacional para um ataque maciço contra os EUA. Magneto ou Erik Magnus Lensherr é de uma família de judeus morta nos campos de concentração, sua própria vida só foi salva por causa da chegada das tropas aliadas. Quando adulto e com família constituída, a casa em que vivia é incendiada e na vila onde morava ninguém o ajudou por terem descoberto que era mutante. Magnus se vingou matando todos e adotando o codinome Magneto, pois a partir de então acreditava que os mutantes eram o futuro, o *homo superior*. Fica nítido na história deste super-vilão a temática racista, preponderante nos super seres de origem mutante.

No caso do Capitão América fica a mensagem de um panfleto ideológico de recusa e renúncia dos ideais nazistas de purificação da raça, pois Steve Rogers venceu sua fragilidade física ao ter a obstinação em não desistir do seu sonho de servir ao exército americano, servir à sua pátria, algo que mexeu com o cientista

⁷ BRUBACKER, Ed. et all. *Universo Marvel Anual Nº 1*. Panini Comics: São Paulo, 2007. p. 52

Reinstein que o recrutou e fez dele o super soldado. Mas seria a Eugenia uma prática unicamente nazista? Não é o que a história mostra.

2.1 A CIÊNCIA A SERVIÇO DO IMAGINÁRIO, INCLUSIVE O NAZISTA

No século XIX, com todas as transformações ocorridas com a revolução industrial, espalha-se uma mentalidade de crença total na ciência, o que beneficia o inglês Charles Darwin a apresentação de suas teses no livro fundador do evolucionismo: *A origem das espécies*. Sua tese é logo apropriada por outras áreas do pensamento, tal como a Sociologia, surgindo assim o “Darwinismo Social” que apresenta os burgueses como os mais fortes e preparados para a “luta social”, pois somente os mais fortes e adaptados sobrevivem.

Influenciado por este clima, o pesquisador britânico Francis Galton, se apropria das descobertas de seu primo Darwin para criar uma nova ciência buscando o aperfeiçoamento da raça humana através da união dos “melhores” espécimes da raça humana, o que incluía uma conscientização para a reprodução entre casais saudáveis: Nasce a eugenia.

Os métodos propostos pelos entusiastas da nova ciência, porém, não se resumiam à criação de um “haras humano”, povoando o planeta de gente sã, como propunham os defensores da “eugenia positiva”. No outro extremo, a “eugenia negativa” postulou que a inferioridade é hereditária e a única maneira de “livrar” a espécie da degeneração seria utilizar métodos como a esterilização, a segregação, a concessão de licenças para a realização de casamentos e a adoção de leis de imigração restritiva.⁸

Diante do exposto fica fácil a associação da eugenia com a Alemanha Nazista, mas foram os EUA que produziram o melhor, por assim dizer, programa de eugenização na história. Entre 1905 e 1920 instituições eugênicas se proliferaram nos EUA e estima-se que mais de 50 mil habitantes tenham sido esterilizadas entre 1907 a 1949 no país. Aconteceu também o fim da política *open-door*, que na concepção deles causaria o “suicídio da raça”, algo semelhante à degeneração da sociedade colonial brasileira que era prevista por vários teóricos de sociologia no século XIX. O fim da política de “portas abertas” só foi possível graças às

⁸ DIWAIN, Pietra. *Eugenia, a biologia como farsa*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eugenia_a_biologia_como_farsa.html> Acessado em 10/12/2013

apresentações de relatórios médicos do Comitê de Imigração. Os EUA também apoiaram e financiaram a prática em alguns países da Europa. Os países escandinavos também foram solo fértil para a prática da eugenia.

É claro que a aplicação da eugenia feita nos EUA foi muito menos radical do que na Alemanha, mas suas práticas só perderam influência e prestígio depois da Segunda Guerra Mundial com os excessos utilizados pelos nazistas. Mas até os dias de hoje algumas instituições eugênicas persistem.

Com tudo isso quem já leu alguma história do *Sentinela da Liberdade*⁹ não pode ficar sem se perguntar, o que será que ele achava disso tudo. Talvez em seus primórdios compactuasse com essa política racial e xenofóbica, por causa da representação de seu escudo, demonstrando que só se defende: Defende, por exemplo, seu país contra um “suicídio da raça”. Mas o fato do jovem Steve Rogers ter sido considerado inapto ao serviço militar pode nos remeter a ideia de que o Capitão América foi esterilizado? A pergunta é pertinente, mas é óbvio que isso não seria condizente com um herói, representação da pátria da liberdade e dos ideais americanos.

Ao esconder sua verdadeira identidade sob a figura desajeitada e pouco marcial do recruta Rogers, o Capitão América dá a entender claramente que, na sua opinião, o último lugar onde poderia se esconder um bom americano é atrás de um mau soldado. [...] A própria escolha de seu uniforme, listrado e estrelado como a bandeira americana, deixa transparecer as suas intenções, assim como a preocupação de deixar bem claro: *America for Americans*.¹⁰

Depois da Segunda Guerra, o Capitão América teve uma considerável queda nas vendagens de sua revista e acabou congelado pela editora num estado de semi-morte ou “animação suspensa” para ser novamente “recrutado” a ir a Guerra do Vietnã que dada a sua pouca popularidade fazia-se necessário um estímulo, e quem melhor que o *Sentinela da Liberdade*?

Por outro lado, esta volta do Capitão América contando suas aventuras talvez faça apenas parte de uma manobra do Departamento de Estado que o tenha convocado para melhorar o moral das tropas. Em verdade, só duas saídas existem: ou o Capitão América evocando sujas glórias passadas desperta novamente o antigo chauvinismo felizmente adormecido no coração dos jovens, ou terá que travar uma luta solitária e suicida nos pantanais do Vietnã.¹¹

⁹ Uma das muitas formas de se referir ao Capitão América.

¹⁰ SOARES, Jô. Os dilemas do Fantasma e do Capitão América: Do ressurgimento do Capitão América e suas consequências. In: MOYA, Álvaro (org). *Shazam!* – São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 100-102

¹¹ Idem, *ibidem*. p. 101-102

Apesar desta disposição do Capitão América em servir o Estado, de maneira curiosa ele foi um dos pioneiros super-heróis a entrarem numa crise existencial, questionando se não seria o caso de perguntar mais no lugar de tão somente lutar, chegando mesmo a entregar o uniforme de Capitão América ao governo dos EUA.

Fica marcado o fim da era dos super-heróis como elementos de manipulação política, social e cultura, têm-se agora uma humanização destes seres que não mais resolveriam todos os seus problemas à base de sopapos. Peter Parker é o Homem-Aranha, mas tem que conseguir dinheiro como fotógrafo para pagar o aluguel ou seria despejado, ou mesmo ter que inventar sempre boas desculpas para sua tia que não pode saber de seu *alter ego* e de suas atividades como super-herói, pois isso traria imensos riscos.

Essas mudanças nas histórias e personalidades de super-heróis fazem-se necessárias para acompanhar uma geração de leitores que cresceu acompanhando as aventuras de Batman, Capitão América, Super-Homem e *cia*, mas agora desenvolveram outros hábitos de informação e entretenimento que não somente as HQs de super-heróis: estes leitores liam livros.

Alguns heróis tiveram que ser verdadeiramente reformulados, seja como última tentativa de um não cancelamento de título ou simplesmente para corrigir contradições que foram criadas ao longo dos anos no que se trata da cronologia e história destes personagens.

Com o advento da Guerra Fria os meios de comunicação tornam-se férteis terrenos para obras com enredos em torno do conflito. E a Arte Sequencial não fica de fora disso. Um bom exemplo desta nova abordagem dos super-heróis está na minissérie *Batman - O Cavaleiro das Trevas*¹².

Nesta minissérie, o roteirista Frank Miller apresenta um Batman envelhecido que está completamente inserido à uma temática de crítica social. Uma realidade onde consequências de suas atitudes como vigilante são apresentadas nas diferentes reações dos cidadãos comuns: alguns apoiam seus atos, afirmando que o que fazia era a justiça que um Estado inepto não conseguia e outros o condenam como má influência para crianças e adolescentes gerando toda uma questão no

¹² MILLER, Frank. JANSON, Klaus. VARLEY, Lynn. *O Cavaleiro das Trevas* – Mini-série em quatro edições. São Paulo: Editora Abril, 1987.

âmbito da psicologia social dos prós e contras nas ações do Batman. O governo teria tornado a prática “heroica” ilegal, guardando apenas o Super-Homem como um “ás na manga” para uma possível guerra contra os soviéticos e para tratar de outros serviços sujos. A crítica social e a história caminham cada vez mais juntas da arte sequencial!

Tendo seus atos caracterizados como ilícitos pelo Estado, o super-herói é marginalizado pela sociedade, mesmo o governo se mostrando incapaz de resolver questões de ordem e repressão da violência. O super-herói, nesta obra específica, o Batman, questiona o governo e por isso essa obra faz tanto sucesso. A representação habitual presente no Capitão América, vestido literalmente com a bandeira americana¹³ é visto nesta obra na representação do Super-Homem que se apresenta à imagem de um estado repressor, que têm “segredos por debaixo do tapete”.

Batman, no entanto, está ligado à consciência histórica do leitor que envelheceu lendo suas aventuras e que já está farto do combate mocinho-bandido habitual. O leitor agora questiona as autoridades e a sociedade. O super herói é inserido na realidade, mas não como uma propaganda político-ideológica, e sim como uma proposta para questionar, elucidar o leitor e fazê-lo pensar a realidade que o cerca. Não seriam estas as atividades também de um professor? Fazer seu aluno pensar?

Até aqui o esforço principal foi em demonstrar que as HQs, que tal como uma representação da arte, está sempre acompanhando e representando as mudanças histórico-sociais. Pode-se dizer que a arte sequencial produz e reproduz conhecimento, sendo, portanto, valioso instrumento de interação pedagógica do professor com seus alunos, estimulando a capacidade crítica e criativa.

3 CONCLUSÃO

Fica claro que a evolução nos enredos dos super-heróis na arte sequencial se deu em muito a realidade histórica em que foram concebidos, como no caso das

¹³ Note que ele não é o único: Super-Homem, Mulher Maravilha e Homem-Aranha são outros exemplos dos valores morais da nação vestidos com as cores da bandeira americana.

artes em geral. Mas por ter um apelo psicológico muito grande em seu público, pois a representação dos super-heróis projeta no leitor um ideal de liberdade, a arte sequencial tem vasta extensão de representações que podem ser utilizadas no ensino de grande parte das Ciências Humanas.

As HQs continuam até hoje com seus apelos históricos, utilizando-se das estruturas psíquicas e sociais, seja no presente ou passado. Em *Sandman: A casa de Bonecas*¹⁴, é contada a história de Hob Gadling, um homem do século XVI que consegue a imortalidade. Uma vez por século ele se encontra com o Senhor dos Sonhos que deseja saber o que motiva a viver tanto. Ao decorrer dos séculos é possível perceber uma representação histórica de cada século vivido: é vítima da inquisição por causa de sua anormal longevidade, enriquece com o tráfico negreiro, se arrepende da exploração humana que participou e vários outros aspectos que mostram-se pertinentes à esta obra de ficção. Este é ou não um terreno fértil para uma boa interação com alunos?

Como produto artístico, as histórias em quadrinhos têm a capacidade de transmitir mensagens no âmbito educacional e de aprofundar questionamentos no interior de uma determinada realidade. A partir da aplicação aqui apresentada, pode-se afirmar que fica mais uma vez comprovado que os professores do Ensino Médio – e também dos demais níveis de ensino – têm, nas histórias em quadrinhos, um importante aliado nas atividades escolares, pois esse recurso informacional possibilita a ampliação do trabalho com os educandos, auxiliando no aprendizado por meio de uma linguagem mais agradável e próxima dos alunos. E o melhor de tudo é que os quadrinhos estão aí, disponíveis, acessíveis e prontos para serem explorados por todos aqueles que tenham firmado um compromisso sério com a melhoria do ensino e com a dinamização do ambiente escolar.¹⁵

As HQ's, em especial caso as de super-heróis, com seu apelo fortemente psicológico, apresentam-se como um reflexo da realidade por nós criada, num sistema em que as estruturas mentais são as que ditam os rumos das histórias destes personagens e estas estruturas estão atreladas diretamente ao contexto histórico-social, sempre nos propiciando leituras de representações ricas, inclusive, para a utilização no ensino de literatura, arte e história.

¹⁴ GAIMAN, Neil. *et all.* *Sandman: A casa de bonecas*. [s.l.]: Conrad Editora, 2005

¹⁵ VERGUEIRO, Waldomiro; PIGOZZI, Douglas. Histórias em quadrinhos como suporte pedagógico: o caso *Watchmen*. *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 18, n. 1, p. 35-42, jun. 2013. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/comueduc/article/view/69247/71708>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2014.

Referências

ALMEIDA, Edson Wilson Mendes de. *Heróis de Persona: Identidade e representação na arte sequencial*. Trabalho de Conclusão de Curso na Especialização História Cultura. [s.l.] [s.d.]

BONIFÁCIO, S.F. Os super-heróis como instrumentos de propaganda política. In: *História e(m) Quadrinhos: análises sobre a História ensinada na arte sequencial*. Dissertação (Mestre em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha Saberes, Cultura e Práticas Escolares – Universidade Federal do Paraná. 2005. 221f

BRUBACKER, Ed. et all. *Universo Marvel Anual Nº 1*. Panini Comics: São Paulo, 2007. p. 52

DIWAIN, Pietra. *Eugenia, a biologia como farsa*. Disponível em <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eugenia_a_biologia_como_farsa.html> Acessado em 10/12/2013

GAIMAN, Neil. et all. *Sandman: A casa de bonecas*. [s.l.]: Conrad Editora, 2005

HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MILLER, Frank. JANSON, Klaus. VARLEY, Lynn. *O Cavaleiro das Trevas* – Minissérie em quatro edições. São Paulo: Editora Abril, 1987

MOYA, Álvaro (org). *Shazam!*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

PATATI, Carlos. BRAGA, Flávio. *Almanaque dos Quadrinhos* – Rio de Janeiro: Ediouro, 2006

STRACZYNSKI. J. Michael. ROMITA JR., John. HANNAH, Scott. *Homem Aranha Especial* – São Paulo: Panini Comics, 2002

VERGUEIRO, Waldomiro; PIGOZZI, Douglas. Histórias em quadrinhos como suporte pedagógico: o caso Watchmen. *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 18, n. 1, p. 35-42, jun. 2013. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/comueduc/article/view/69247/71708>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2014.